

Estilo de vida e a verdade: o exercício ético do hipócrita e do cínico

Tony Hara*

A verdade tem a sua história. O sujeito tem a sua história. Chegamos ao ponto em que estamos não por habilidade de firmes timoneiros, mas sobretudo, arrastados pelas ondas do acaso, pelo desespero da deriva e pela força da crueldade e dos imprevistos. O impacto dessas críticas de Nietzsche ao estatuto da verdade e do sujeito até hoje nos causa espanto. Nada é verdadeiro em si; todo ensaio ou tentativa são permitidos. Não há restrição moral que impeça a realização das múltiplas experimentações possíveis em nossa existência e em nosso próprio corpo.

Esse diagnóstico do pensamento moderno e os novos caminhos abertos pela filosofia nietzschiana afetaram a obra de Michel Foucault, como ele mesmo afirma em diferentes momentos de sua trajetória intelectual. Em uma entrevista publicada em 1983, por exemplo, Foucault sintetiza os temas que o influenciaram de maneira decisiva: *“Eis o ponto em que a leitura de Nietzsche implicou, para mim, uma ruptura: há uma história do sujeito assim como há uma história da razão, e desta, a história da razão, não se deve exigir o desdobramento até um ato fundado e primeiro do sujeito racionalista.”*¹

Daí a importância do recurso à história, do dedicado estudo sobre as condições que tornaram possível a emergência de um pensamento, assim como o seu modo de constituição. A história, ou o método genealógico, diz Foucault, *“tem por função mostrar que o que é jamais foi, ou seja, é sempre na confluência dos encontros, dos acasos, no curso da história frágil, precária, que são formadas as coisas que nos dão a impressão de serem as mais evidentes.”*²

O trabalho intelectual de desmontar e reavaliar as evidências visa alterar a maneira de refletir a relação do sujeito com a verdade. Para Foucault, cabe ao pensamento – através do recurso à história – problematizar a nossa relação, ou se quiser,

a nossa vontade de verdade. Essa tarefa é bem mais urgente e preciosa do que a busca de uma definição ou distinção do que é verdadeiro e do que é falso em nossa atualidade. É por esta razão que ao comentar os vínculos existentes entre Nietzsche e Foucault, o filósofo Gilles Deleuze destaca a questão da crítica da verdade como algo que tocou profundamente a pesquisa foucaultiana. “*A verdade – afirma Deleuze – não supõe um método para ser descoberta, mas procedimentos, mecanismos, processos para querê-la. Temos sempre as verdades que merecemos, em função dos procedimentos de saber, dos mecanismos de poder, dos processos de subjetivação ou de individuação de que dispomos.*”³

Nesta sentença de Deleuze reconhecemos alguns dos célebres trabalhos de Foucault: os mecanismos e procedimentos que possibilitaram dizer a verdade sobre o sujeito louco foram analisados na *História da Loucura*; as astúcias do poder e do saber que tornaram possível o discurso sobre o sujeito doente, no *Nascimento da Clínica*; o caso do sujeito criminoso e do sistema punitivo foram expostos no livro *Vigiar e Punir*. Essas pesquisas, segundo o próprio autor, enfatizaram as técnicas de dominação, as tecnologias do poder e o processo de disciplinarização do corpo social e individual.

No início da década 80 Foucault anunciou, como já sabemos, uma mudança, um desvio, uma nova experimentação em seu processo de criação. O alvo de sua curiosidade passaria a ser as tecnologias de si, ou como diz Deleuze, os processos de subjetivação. As tecnologias de si interagem com as tecnologias do poder e são fundamentais para a avaliação, o entendimento da constituição do sujeito na civilização ocidental. Como declarou Foucault em um seminário que teve a participação de Richard Sennet, “*Em toda cultura esta tecnologia de si implica uma série de obrigações com a verdade, descobrir a verdade, ser iluminado pela verdade, dizer a verdade. Todas são consideradas importantes tanto para a constituição quanto para a transformação de si.*”⁴

A crítica da verdade elaborada por Nietzsche se transforma no ato de pensamento de Foucault em algo inusitado e ao mesmo tempo inquietante. A relação que o sujeito estabelece com a verdade é que define o estilo de vida, o modo de existência do sujeito. As novas possibilidades de vida, portanto, passam necessariamente pela reavaliação do jogo que o sujeito estabelece com a verdade, com o discurso verdadeiro. Em termos mais rudes poderíamos dizer que o estilo de vida de um sujeito é determinado pela força, pela vontade (ou pela ausência de força e de vontade) de elaborar a sua própria verdade. E, mais ainda, de viver de acordo com o discurso verdadeiro forjado, lapidado, criado ao longo de toda a existência.

A partir dessas idéias é possível experimentar e ensaiar aqui o esboço de duas caricaturas, de duas máscaras que levam ao exagero de dois modos de se relacionar com a verdade. Uma das caricaturas conceituais é fácil de reconhecer na atualidade em que vivemos. Os hipócritas – aqui entendido no sentido original grego, isto é, sujeitos ligados a uma encenação, atores de uma peça teatral – se arvoram em palanques, púlpitos ou picadeiros midiáticos a fim de atrair o público e cativá-lo através da encenação de discursos verdadeiros.

Há um instinto predominante no ator que, segundo Nietzsche, encontra prazer na dissimulação. A excessiva arte da adaptação transborda no corpo do ator. Ao traçar ligeiramente a genealogia desse instinto Nietzsche reconhece que ele se desenvolveu entre os subjugados, entre os dominados que *“deviam docilmente curvar-se às circunstâncias, sempre ajustar-se de novo a novas condições, sempre mudar de atitude e expressão, tornando-se gradualmente capazes de virar o casaco segundo qualquer vento.”*⁵ Essa faculdade é exercitada tanto pelos artistas, pelos diplomatas, pelos publicitários e pelos literatos que ocupam a tribuna da imprensa para representar o papel de “especialistas”.

O hipócrita tem como missão manter ocupada a platéia, distraí-la ao percorrer num cenário adequado as cores e os sons da aflição e dos desejos humanos. Ele continua dependente, sujeitado, subjugado não mais por senhores, mas pelo público, pela massa. O hipócrita, para usar aqui mais uma caricatura, é escravo do estulto. O estulto, explica Foucault, se caracteriza por estar tão aberto ao mundo exterior que se torna incapaz de separar, discriminar, hierarquizar as representações do mundo exterior daquelas que são formuladas por suas paixões, seus desejos, seus hábitos de pensamento, suas ilusões...⁶ Isto é, o estulto é aquele espectador errante e fruidor, como diz Nietzsche, que circula excitado pela exposição universal. Cercado por informações, apelos, anúncios e luzes o sujeito moderno, o estulto se degrada em meio às diversas seduções que não vivificam seus instintos e suas forças vitais.

O hipócrita oferece ao seu novo senhor uma dose de ebriedade, uma dose de consciência moral que o conforta e o consola. É por esta razão que a encenação do discurso verdadeiro provoca, não raras vezes, um certo abrandamento, um certo alívio das dores da existência. Dito de outra maneira, o hipócrita gera um tipo de conhecimento que transforma o intolerável em algo suportável. A simulação do discurso verdadeiro cria uma ocasião, uma cena propícia para que o estulto se indigne momentaneamente. A indignação é um efeito que altera ritmo cardíaco e o metabolismo do estulto. É como se fosse uma corrente elétrica que atravessasse o espírito dinamizando-o, tonificando-o artificialmente. O enfezamento não altera o ser do sujeito, não contribui em nada para a modificação, para a transformação do sujeito, pois a indignação se esgota nela mesma. É uma forte emoção que se esvai para dar lugar a um novo estímulo que é sempre o recomeço da encenação. É no abrir e fechar das cortinas, das páginas dos jornais que o estulto é adestrado, conduzido a suportar o intolerável.

O discurso verdadeiro para o hipócrita é portanto, um artifício, um belo e estudado figurino que lhe permite manipular, convencer, persuadir e explorar certos territórios da

alma do estulto em benefício próprio. É interessante destacar que esse figurino focado por um inteligente jogo de luzes faz com que a platéia esqueça que diante dela se apresenta um servo disfarçado de senhor. Talvez não seja incorreto dizer que esse jogo de luzes e de saberes é o que Deleuze chamou de *marketing*, isto é, um instrumento de controle social que forma a raça impudente de nossos novos senhores.⁷

No extremo oposto encontra-se a figura do cínico, aqui entendido também no sentido original grego. O retrato do filósofo cínico esboçado por Epicteto é bastante esclarecedor e nos ajuda a evitar certas confusões: *“Vida cínica é se devotar totalmente a filosofia e a esta forma extrema, militante, da filosofia em que consistia o cinismo, a saber: partir, partir com a veste do filósofo e, de cidade em cidade, interpelar pessoas, sustentar discursos, apresentar diatribes, oferecer um ensinamento, sacudir a inércia filosófica do público.”*⁸ Trata-se, portanto, de um modo de filosofar que implica obrigatoriamente na elaboração de um estilo de vida, pois existe uma devoção em jogo, de um certo exercício do pensamento fervoroso que anima e se realiza na própria existência.

Um manto sujo e surrado são as suas vestes, o seu único figurino. As barbas longas igualmente sujas e a vida nômade simbolizam o desapego, o despojamento desejado pelos cínicos. Todos os bens que possui ele pode carregar em seu alforje. É uma vida de pobreza reivindicada, ativa, e, nas palavras do filósofo Frédéric Gros, *“não se trata apenas de desapegar-se dos bens materiais, mas de recusá-los de modo agressivo. Essa busca ativa do despojamento vai até a aceitação da humilhação, da mendicância, e mesmo uma exaltação da preguiça e da sujeira, contra todos os cânones gregos, de modo que a existência pura do filósofo se transforma em uma vida infame.”*⁹

O desapego fazia com que eles se dedicassem àquilo que era fundamental, a saber, o cuidado consigo mesmo. Além disso, a situação de não “dever” nada a ninguém, de não de estar apegado a nada era uma condição para que o filósofo pudesse falar, imprecisar, rogar o que bem entendesse, sem amarras, restrições ou censuras. Esses

oradores nômades tão estranhos à nossa sensibilidade moderna e politicamente correta sentiam um certo prazer, ou melhor, cultivavam a arte de ser desagradável. Eles sabiam que muitas das convenções e normas sociais que se obedece automaticamente, são inúteis e desnecessárias à vida verdadeira e, por esta razão, transgrediam as regras sem culpa ou lamentação. Eles reconheciam e atacavam também um certo tipo de erudição que só tornava a vida mais pesada, o que não quer dizer mais profunda.

O grande desafio, a grande promessa e lição do cínico é viver o discurso verdadeiro. Isto é, constituir uma ética do indivíduo que colabore na transformação do dizer verdadeiro em uma atividade, numa prática de vida. O cínico buscava fazer da própria existência o ponto de incandescência máxima da verdade. Aqui não se procurava uma harmonia, uma paciente regulação entre vida e verdade, como desejavam os filósofos estóicos estudados por Foucault no âmbito da cultura de si. Tratava-se de transformar de forma bruta e até agressiva, as verdades conhecidas por muitos em ação efetiva. Esse desafio ético visava transformar em carne e em sangue, isto é, visava incorporar as verdades recebidas pela tradição e reinventadas pela imaginação e pela meditação.

A ação intempestiva dos cínicos é indissociável da relação entre o sujeito e a verdade estabelecida pela filosofia grega na época clássica. Para os gregos, explica Foucault, a legitimidade e a validade de uma opinião se manifestam na correspondência visível que se estabelece entre o dizer e o fazer. É por esta razão que o acesso à verdade exigia uma transformação do sujeito, uma espécie de provação e de elevação moral, já que o critério para avaliar a veracidade de um discurso é exterior ao próprio procedimento de enunciação. Em outras palavras, o que comprova a veracidade de um discurso não é a sua coerência interna, a sua lógica intrínseca, mas o efetivo experimento, a vivência das verdades que são ditas e proferidas em um discurso. A verdade emerge quando existe

uma correspondência, uma adequação plena entre a fala do sujeito e a sua conduta, entre o que se diz e o que se faz.

O pensamento moderno, como sabemos, alterou radicalmente essa maneira de avaliar o discurso verdadeiro. O ‘conhecimento pelo conhecimento’, eis a fórmula que adotamos para reconhecer a verdade. Não se exige mais as transformações, as modificações do sujeito para que ele seja capaz de acessar a verdade, ao contrário, o sujeito moderno é capaz de verdade através do conhecimento puro e simples, e isto lhe basta. A consequência disto – afirma Foucault – *“é que o acesso à verdade, cuja condição doravante é tão-somente o conhecimento, nada mais encontrará no conhecimento, como recompensa e completude, do que o caminho indefinido do conhecimento. Aquele ponto de iluminação, aquele ponto de completude, aquele momento de transfiguração do sujeito pelo ‘efeito de retorno’ da verdade que ele conhece sobre si mesmo, e que transita, atravessa, transfigura seu ser, nada disto pode mais existir.”*¹⁰

A questão é que o “Conhece a ti mesmo” tão caro ao pensamento grego passou a significar, como sugere Nietzsche, *“Deixa de interessar-te por ti! Torne-te objetivo!”*¹¹ A verdade não será mais capaz de transfigurar o sujeito, não servirá para uma modificação da maneira de ser, do modo de existência de um indivíduo. Ao invés do sujeito ser afetado e metamorfoseado pela verdade, o sujeito se tornou um objeto de um discurso verdadeiro. Daí a grande dificuldade de constituir-se, de elaborar na atualidade uma ética do indivíduo, pois até mesmo o conhecimento de si transformou-se em um objeto do conhecimento científico. As pesquisas de marketing, essas sondagens científicas dos desejos e das vontades do público expressam nitidamente o nosso desinteresse por nós mesmos. A eficácia e o sucesso das linhas de montagens de desejos só pode acontecer em uma cultura na qual o indivíduo se encontra brutalmente reduzido, transformado em mero objeto, sem poder sobre a sua própria subjetividade.

Na atualidade, no senso comum, muitas vezes confundimos a figura do cínico com a do hipócrita. Abstemo-nos do erro. São figuras distantes eticamente. O cínico como define de forma lapidar Frédéric Gros quer “*tornar diretamente legível no corpo a presença explosiva e selvagem de uma verdade nua, de fazer da própria existência o teatro provocador do escândalo da verdade.*”¹² Viver aquilo que se conhece e se reconhece como verdadeiro, eis a admirável ambição do cínico. E isto não se confunde com o desejo do hipócrita, do ator que deseja em última análise persuadir o seu interlocutor através de um discurso bem elaborado, bem tramado e, tal como a teia de aranha, envolver a presa e capturá-la. O hipócrita precisa dar vazão a sua enorme capacidade de adaptação e, por isso dispõe dos discursos verdadeiros para conquistar os aplausos no teatro da vida. Não se tem a pretensão de transformá-los em carne, em tornar legível no corpo a presença da verdade, mas antes, usá-la como um belo e espetacular figurino.

Por fim, uma última observação. O cínico pratica sempre uma auto-experimentação, pois a pergunta fundamental é: até que ponto meu corpo, a minha existência suporta a verdade? O corpo se transforma nesse caso em um laboratório, em um território experimental onde se aplica e se testa de forma radical o discurso verdadeiro. O lance do hipócrita é experimentar a verdade nos outros. Ele conduz a platéia a determinadas experimentações ao simular certas dores, aflições e conflitos humanos. Dito de outra maneira, o cínico se esforça para guindar o sujeito, através de um exemplo radical, que é a sua própria vida, do estado de estultice. Já o hipócrita luta pela manutenção desse estado, pois nele ele é o senhor.

* É jornalista e Doutor em História da Cultura pela Unicamp.

¹ FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. (Coleção Ditos e escritos. v. II) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000 p.312

² idem. 325

³ DELEUZE, G. *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p.145

⁴ FOUCAULT, M & SENNET, R. Sexualidad y Soledad. In: ABRAHAM, Tomás (org.) *Foucault y la ética*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1988. p. 174

⁵ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.263

⁶ FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. *op.cit.* p.162

⁷ DELEUZE, G. *Conversações*. *op.cit.* p. 224.

⁸ EPICTETO. apud. FOUCAULT, M. *A Hermenêutica...* *op.cit.* p.171

⁹ GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p.164

¹⁰ *idem.* p. 23

¹¹ NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.69

¹² *idem.* p. 163